

# ROSAS ESQUECIDAS



Da autora de MULHERES SEM NOME

MARTHA HALL KELLY

# ROSAS ESQUECIDAS

MARTHA HALL KELLY

Tradução de  
Ana Rodrigues  
Cássia Zanon  
Maria Carmelita Dias



Copyright © 2019 by Martha Hall Kelly

TÍTULO ORIGINAL

Lost Roses

PREPARAÇÃO

Nina Lopes

REVISÃO

Letícia Taets Lira

Pedro Proença

Rafaela Miranda

Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K59r

Kelly, Martha Hall

Rosas esquecidas / Martha Hall Kelly ; tradução Ana Rodrigues, Cássia Zanon, Maria Carmelita Dias. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
480 p.

Tradução de: Lost roses

Sequência de: Mulheres sem nome

ISBN 978-65-5560-526-6

1. Nazismo - Ficção. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção. 3. Ficção americana. I. Rodrigues, Ana. II. Zanon, Cássia. III. Dias, Maria Carmelita. IV. Título.

21-74722

CDD: 813

CDU: 82-311.6(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6459

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 5206-7400

www.intrinseca.com.br

## PRÓLOGO

# Luba

1912

**E**U SÓ COLOQUEI A CENTOPEIA NO CHINELO DA ELIZA PORQUE ACHEI que ela estivesse roubando minha irmã Sofya de mim. Eu tinha oito anos e acabara de perder minha mãe. Não podia perder Sofya também.

Eliza Ferriday, uma amiga americana da família, nos hospedou por uma semana em seu apartamento em Paris, duas primas russas do czar forçadas a sair de casa em São Petersburgo antes do Natal. Nosso pai havia se casado novamente e tinha ido passar a lua de mel na Sardenha com a nova esposa, Agnessa, que me odiava desde o dia em que nos visitou, em novembro, quando pratiquei nela minhas habilidades com centopeias pela primeira vez. Ela detestava especialmente meu assunto favorito, astronomia, e convenceu papai a recolher meus mapas das constelações, dizendo que me distraíam das aulas de francês. Embora ela tenha tentado me conquistar ao me presentear com um jogo de chá Limoges de brinquedo, passei a maior parte de novembro enfiada no quarto.

Quando Sofya entrou de férias da Brillantmont School, nos Alpes suíços, nos encontramos em Genebra para pegar o trem até Paris. Pálida e magra, ainda abalada pela súbita morte de mamãe na primavera anterior, ela falou pouco durante a viagem de trem e mergulhou na pilha de livros com os quais havia enchido a mala. Quando paramos na Gare de Lyon, ela se endireitou no assento e ficou observando nossos companheiros de

viagem na plataforma. Pensando em mamãe, talvez, que sempre a encontrava lá nas férias escolares?

Sozinha em Paris, aguardando o marido e a filha chegarem de Nova York, Eliza dedicava todo seu tempo à nossa felicidade, não nos deixando a sós por nem um segundo. No primeiro dia, ela nos levou a uma cozinha pública no Marais, e eu fiquei observando o vínculo entre Eliza e Sofya crescer cada vez mais. Ela fazia minha irmã rir com tanta facilidade. As duas trabalhavam juntas, lado a lado, servindo sopa de uma panela prateada enorme, enquanto eu recolhia as tigelas usadas das mesas.

No dia seguinte, observei, com o ciúme crescendo no peito, as duas caminhando pelo mercado de Natal, de braços dados, discutindo os méritos do ganso em relação ao pato para o jantar e quais chocolates comprar na confeitaria À la Mère de Famille. Ao longo da semana, à noite, perto da lareira, jogávamos cartas e elas me deixavam vencer para que pudessem conversar sobre romances, homens e outros assuntos chatos, e depois ficavam acordadas até tarde da noite conversando mais. Eu queria tanto voltar para casa em São Petersburgo e ter Sofya só para mim...

Na noite antes de retornarmos para casa, logo depois que fui para a cama, as duas entraram no meu quarto e me acordaram, as brasas ainda brilhando na lareira.

— Acorde, minha querida — sussurrou Sofya no meu ouvido. Ela afastou o cabelo da minha testa, como mamãe costumava fazer. — Coloque o casaco por cima do pijama e venha conosco.

— Temos uma surpresa para você — disse Eliza.

Meio adormecida, segui as duas para o ar frio da noite. Caminhamos por uma Paris tranquila em direção à Torre Eiffel e, ao chegar lá, paramos sob um globo escuro enorme acima de nós.

— Que lugar é este? — perguntei.

Eliza e Sofya me apressaram por três lances de uma escada de metal e um par de cortinas de veludo pesadas até um cômodo escuro. Na escuridão retinta, distingi algumas cadeiras inclinadas perto de nós, como as do convés de um navio, mas estofadas. Eliza e Sofya escolheram seus lugares e eu me deitei entre elas. À nossa esquerda e à nossa direita, outras pessoas fizeram o mesmo.

— Você me acordou para isso? — sussurrei para Sofya.

— Espere só — disse ela.

Sofya segurou minha mão enquanto o teto abobadado acima de nós ganhava vida com estrelas consteladas, reproduzindo os céus como eu os vira uma centena de vezes da terra. A luz das estrelas revelou um auditório inteiro cheio de pessoas inclinadas como nós, olhando para o teto imenso.

— Chama-se Globo Celeste — disse Eliza. — É um planetário.

Fiquei ali atordoada enquanto as constelações apareciam no céu índigo. As balanças de Libra. O brilhante Escorpião. Até mesmo a geralmente obscurecida Draco, o dragão, passando pela Ursa Menor.

Sofya se inclinou para perto de mim e sussurrou:

— É lá que a mamãe vive.

Mal respirei enquanto assistíamos à lua mudar, sumindo aos poucos de cheia a crescente leitosa, e fui tomada por uma alegria que não sentia desde antes de minha mãe morrer.

Eliza segurou minha outra mão quente na dela.

— Pensamos que você fosse gostar.

Enquanto estávamos deitadas ali, com o mundo celestial acima de nós, percebi que eu nunca tinha perdido minha irmã. Havia apenas ganhado uma nova irmã espetacular.

# Parte Um

---

# Eliza

1914

**E**RA UMA FESTA DE PRIMAVERA COMO NENHUMA OUTRA VISTA EM Southampton, com os entretenimentos de sempre. Croqué. Badminton. Uma sutil crueldade social. Aconteceu na casa da minha mãe em Gin Lane, uma construção branca de tábuas de madeira, muito ampla, cercada por um gramado que descia até encontrar o oceano. O chalé estilo Queen Anne, mais conhecido como chalé Mitchell — sobrenome da família do meu pai —, se erguia ao lado de seus irmãos, enfileirados por uma faixa sem árvores de South Fork, Long Island, em Nova York, feito passageiros observando o mar do deque de um navio.

Se eu houvesse prestado mais atenção naquele dia, talvez tivesse conseguido prever quais dos rapazes que riam acima dos aros de croqué em breve estariam mortos nas florestas de Argonne, ou quais mulheres trocariam os vestidos de seda marfim por outros de crepe preto. Eu não era uma delas.

Era fim de maio e, perto do mar, fazia um frio incomum para a estação e para qualquer festa, mas minha mãe insistira em oferecer uma despedida em grande estilo para nossos amigos russos, os Streshnayva. Eu estava parada na grande e fria sala de estar nos fundos da casa. Como a cabine do capitão de um barco a vapor, a sala tinha a vista perfeita do pátio de trás, com uma janela panorâmica, o vidro marcado pela maresia, o que dava

uma aparência enevoada à cena dos convidados descendo o gramado em direção às dunas.

Senti dois braços envolverem minha cintura e, quando me virei, vi minha filha de onze anos, Caroline, já quase na altura do meu ombro, os cabelos da cor do feno no verão, presos para trás com uma fita branca. Ao lado estava Betty Stockwell, sua amiga, quinze centímetros mais baixa e já desabrochando em uma beldade de cabelos escuros. Embora as duas meninas usassem vestidos brancos parecidos, eram tão diferentes quanto água e vinho.

Caroline me abraçou com força.

— Vamos até a praia. E papai pediu desculpa por ter se vestido sem sua ajuda de manhã, mas insisti para que você não o prive do Dubonnet dele.

Passei a mão pelas costas dela.

— Diga ao seu pai que homens daltônicos que insistem em ter meias amarelas não podem ser perdoados.

Caroline ergueu o sorriso para mim.

— Você é minha mãe favorita.

Ela atravessou correndo o gramado e desceu para a praia, passando por homens com chapéus de palha nas mãos, as calças brancas de flanela tremulando com a brisa. Damas de alpargatas e terninhos de linho creme por cima de regatas de seda delicadas erguiam o rosto para o sol, recém-chegadas de lugares como Palm Beach, felizes por sentirem novamente as brisas do norte. As amigas sufragistas da minha mãe, a maior parte delas usando tafetá e seda pretos, eram um contraste escuro no gramado pálido, feito corvos empertigados sobre o linho dourado.

Minha mãe se aproximou e entrelaçou o braço no meu.

— Está um pouco frio para uma caminhada na praia.

Minha mãe, Caroline Carson Woolsey Mitchell, com seus setenta anos, chamada de Carry pelas irmãs, era alta como eu — um metro e oitenta —, e uma sólida nativa da Nova Inglaterra, filha de uma antiga linhagem de ianques que já suportaram tantas mágoas quanto furacões.

— Elas vão ficar bem, mãe.

Estreitei os olhos para ver meu Henry, Caroline e Betty já descendo para a praia, a saia do vestido branco de Caroline inflada pelo vento, como se estivesse pronta para fazê-la voar pelo céu.

— Elas tiraram os sapatos? — perguntou minha mãe. — Espero que voltem logo.

O vento agitava a espuma das ondas do mar enquanto os três caminhavam de cabeça baixa.

Minha mãe passou os braços cálidos ao meu redor.

— Sobre o que eles tanto conversam, Caroline e Henry?

— Sobre tudo. Perdidos no próprio mundinho.

A brisa fez o chapéu de palha de Henry voar, deixando seu cabelo ruivo à mostra, cintilando ao sol, e Caroline correu para salvá-lo das ondas.

— Que sorte ter um pai que é louco por ela — comentou minha mãe.

Tinha toda razão, como sempre. Mas será que Caroline passaria outra vez metade da noite acordada, tossindo, por causa do ar marítimo?

Henry acenou da praia, feito um naufrago preso em uma ilha deserta. Acenei de volta.

— Henry vai se queimar com essa pele clara. — Minha mãe também acenou para ele. — Os irlandeses são tão delicados...

— Ele é meio irlandês, mãe.

Ela deu um tapinha na minha mão.

— Eles vão sentir sua falta.

— Não vou ficar fora por muito tempo.

Sofya e a família tinham vindo de São Petersburgo para passar um mês conosco, e eu faria a viagem de volta com eles no dia seguinte.

— Eu me preocupo. A Rússia é longe demais. Saratoga é agradável nessa época do ano.

— Essa pode ser minha única oportunidade de conhecer a Rússia. As igrejas, o balé...

— O povo faminto.

— Fale baixo, mãe.

— Eles acabaram com a escravidão, mas os pobres do czar ainda são escravizados.

— Vou enlouquecer se continuar confinada aqui. Caroline vai ficar bem com Henry.

— Pelo menos não estão em guerra. Por enquanto.

Quem lia os jornais do início ao fim via que os jornalistas previam um conflito com a Alemanha, mas o mundo já estivera tantas vezes à beira de uma guerra que muitos nova-iorquinos tratavam o assunto com um leve desdém.

— Não se preocupe, mãe.

Ela saiu apressada e eu fui para o terraço, sentindo o vento salgado no cabelo. Logo me vi envolta em uma variedade de conversas educadas, pontuadas pelo barulho alto das ondas arrebatando na praia e pelo som ocasional da batida de um taco de croqué. Abri caminho em meio aos convidados, me espremendo entre sedas e cashmeres macios, em busca da minha amiga Sofya.

Amigos do meu pai e da minha mãe se dividiam em dois grupos distintos. Embora meu pai tivesse morrido havia alguns anos, minha mãe ainda incluía os amigos dele em qualquer reunião. Meu pai já liderara o Partido Republicano em Nova York, e os amigos dele refletiam isso: colegas advogados e suas esposas, financistas e um ou outro magnata, que vencera na vida por mérito próprio.

Os amigos da minha mãe com certeza eram mais animados: atores e pintores, sufragistas de todas as formas e tamanhos, e vários membros do cenário internacional, vindos de lugares muito distantes, sobre os quais os amigos do meu pai apenas liam a respeito: Nairóbi. Bangcoc. Massachusetts.

Para encontrar o grupo de russos, eu apenas busquei por vozes altas, já que era um bando ruidoso e cheio de vigor, com forte inclinação para discussões acaloradas em uma mistura de francês, inglês e da língua nativa deles. Passei pelo médico dos Streshnayva, o Dr. Vladimir Leonidovich Abushkin, um homem atarracado, careca, que usava um casaco de pele de lince por cima do terno diurno e estava envolvido em uma discussão intensa com o médico da minha mãe, o Dr. Forbes.

— Não me importo com o que fazem em São Petersburgo — disse o Dr. Forbes, o rosto flácido e cansado de anos de visitas madrugadas afora ao leito de moribundos e a mães em trabalho de parto. — Se quer um recém-nascido saudável, Sofya não deve viajar. Ela deve ficar em repouso e precisa de cálcio.

O Dr. Abushkin inclinou a cabeça para trás.

— *Rá*. Cálcio. Temos dois meses até o parto. Ela é saudável como um touro.

— Mas é uma paciente de alto risco. Já sofreu dois abortos. Uma viagem longa neste momento é um perigo.

Encontrei os russos na ponta mais distante do terraço dos fundos, reunidos ao redor dos meus amigos atores: E.H. Sothern, com seu cabelo grisalho, apoiado sobre um dos joelhos flexionado, e sua esposa, Julia Marlowe. Julia se dirigia a todos do alto, da janela do meu quarto, enquanto ela e E.H. encenavam a cena da varanda de *Romeu e Julieta*, uma das apresentações mais famosas dos dois.

— “É quase dia; desejara que já tivesses ido...” — gritou Julia, um dos braços estendidos acima da multidão, a colcha da minha cama ao redor dos ombros.

Os russos assistiam à breve encenação com expressões muito sérias, enquanto os demais convidados se dispersavam ao redor, imunes à apresentação do maior ator e da maior atriz shakespearianos do nosso tempo, pois os viam com frequência em cena. Alguém poderia se perguntar como Julia, aos quarenta e oito anos, e E.H., aos cinquenta e quatro, encarnavam o famoso casal adolescente, mas bastava assistir aos dois uma única vez no palco para se convencer do talento deles.

Julia terminou sob aplausos entusiasmados e *urras* dos Streshnayva. Eram um grupo muito alegre ali no terraço. Ivan, o patriarca, primo do czar Nicolau II, estava parado, observando as ondas arrebentarem na praia, as mangas da camisa oscilando com o vento. Ivan era um homem bondoso e elegante, com certo estilo europeu, que conhecera Henry anos antes, quando meu marido era um jovem comprador de peles para a Poor Brothers Artigos para Cavalheiros e Ivan representava a junta comercial russa.

A segunda esposa de Ivan, a condessa, estava parada ao lado de uma Sofya muito grávida com seu marido, o militar Afon, e descrevia em detalhes como mandava os artigos de cama e mesa da Rússia para serem lavados em Paris.

A maior parte dos convidados era educada o bastante para não encarar de maneira escancarada, mas a beleza russa de meia-idade era uma visão e tanto, usando roupas da alta costura francesa do ano anterior e adornada

com uma estola de zibelina, fios de pérolas e diamantes de um tamanho que nunca havia sido visto em Southampton antes da hora do jantar.

O olhar de Sofya encontrou o meu, ela sorriu e ergueu uma sobrancelha. A gravidez lhe caía muito bem, deixando-a com uma aparência respeitável, ao contrário de mim, que mais parecia gestar um pônei Shetland quando estava grávida de Caroline.

A condessa ignorou a discussão entre os médicos e puxou uma empregada de lado.

— Pode me arranjar uma água com gás? Não se esqueça do gelo.

A empregada se afastou apressada e a condessa apoiou uma das mãos no ombro de Sofya.

— Você realmente precisa se sentar. Pense no milagre que é essa criança e em quanto tempo você esperou, querida. E *precisa* parar de comer tanto, ou Afon não vai tocá-la depois que o bebê nascer.

Sofya se desvencilhou do braço da condessa.

— Por favor, Agnessa, você já pediu duas águas com gás e deixou-as intocadas.

— Os americanos podem se dar ao luxo de desperdiçar cubos de gelo, querida.

Eu estava muito empolgada com a perspectiva de ir para a Rússia no dia seguinte, seria a viagem da minha vida. Não apenas poderia ver o nascimento do bebê de Sofya, como finalmente passearia por São Petersburgo, veria a rica Catedral do Sangue Derramado, com seu interior totalmente coberto por mosaicos de pedras preciosas, e os Rembrandt no Palácio de Inverno do czar. E, o melhor de tudo, estaria com minha amiga mais querida todos os dias.

Puxei Sofya pelo braço e levei-a para a sala de jantar. Lá era grande o bastante para abrigar um sofá adamascado cor-de-rosa e uma mesa de mogno enorme, sobre a qual se espalhavam travessas de *hors d'oeuvres* e sobremesas.

— Obrigada por me afastar deles. Agnessa está apavorada com a possibilidade de o bebê chegar a qualquer momento.

— É o herdeiro, afinal de contas. Você sabe como são as mães.

— Madrastras. E Afon está uma pilha de nervos... Está virando uma criança conforme o parto se aproxima.

— Estou tão empolgada para nossa viagem amanhã, querida. Eles vão se preocupar menos quando estiverem em casa.

Ela estendeu a mão para a mesa e pegou um dos biscoitos da minha mãe.

— Qual é o nome disso?

Eu amava o som tranquilizador da voz de Sofya. O sotaque russo era muito suave, e com frequência sua pronúncia do inglês fazia as pessoas pararem o que estavam fazendo para ouvi-la.

— É um amanteigado crocante, uma receita da época da Guerra Civil.

Eu havia pedido na cozinha que preparassem as receitas de família da avó Woolsey. Maçãs fritas, biscoitos de chá e cordial de amoras.

Sofya acabou com o biscoito em três mordidas.

— Quem dera se eu pudesse ficar aqui para sempre e viver de amanteigados crocantes. A viagem de volta para casa vai ser terrivelmente longa...

— De navio até a França e de trem para São Petersburgo? Parece divino. Adoro ter um motivo para sair de Nova York no verão.

Sofya pegou outro biscoito amanteigado.

— Como pode dizer isso? Metade da Rússia está em greve. Você não dá valor ao que tem aqui. A praia e Manhattan...

— Presa aqui com roupa de banho molhada ou enfiada em um apartamento quente em Nova York? Viagens para o exterior são a única cura possível.

— Sempre há o trabalho filantrópico.

— E se juntar a sociedades beneficentes, ficar zurrando sobre fundos para arrecadar leite e festas em igrejas? Não estou falando da minha mãe, é claro, mas a maior parte dessas mulheres promove poucas mudanças reais, e com certeza não expandem seus horizontes.

— Você pode velejar...

— Só sob ameaça de morte. Os barcos em que estou interessada são movidos a vapor e vão para o leste. Além do mais, sinto falta de Luba.

— Eu também. Se ao menos Agnessa não tivesse convencido o papai de que ela precisava estudar para...

Sofya levou a mão à barriga e se encolheu.

— É o bebê? — perguntei, um pouco zozza só de pensar. Era cedo demais.

— Não é nada.

Os convidados se reuniram ao redor da mesa, olhando as travessas. Sem se deixar abater pela disputa entre os médicos, minha mãe passou impávida por nós, com seu queixo típico da família Woolsey empinado bem alto. Deixou para trás uma mistura estranhamente agradável de ar salgado, perfume Jicky e naftalina. Como sempre, seu modo de lidar com os problemas era sorrir e ignorá-los, enfrentá-los como se fossem uma súbita ventania.

Senti a maciez única e aveludada do pelo de castor roçar meu braço e, quando me virei, vi nossa vizinha, Electra Whitney, se debruçar sobre a mesa para pegar um canapé, o rosto lembrando a parede de um celeiro castigado pelo tempo. Electra morava em uma mansão sombria, que mais parecia um sarcófago, várias casas abaixo da nossa, na Gin Lane, onde tinha um exército de empregados uniformizados. Ela estava sozinha naquele dia, sem a companhia usual das outras mulheres do clube de jardinagem Pink and Green.

Electra se serviu de salmão defumado e se demorou onde estava. Será que queria escutar alguma conversa?

Nosso jardineiro, a quem chamávamos de Sr. Jardineiro, entrou na sala segurando uma vasilha de prata Revere, cheia das rosas antigas que eram sua marca registrada, as cores indo do branco leitoso ao fúcsia intenso.

Sofya arquejou e apoiou a mão na barriga que se projetava por baixo do vestido.

— Achamos que você gostaria delas — falei.

Sofya havia estudado durante algum tempo para se tornar uma botânica especialista, e continuava interessada, por hobby, em conhecer mais sobre plantas. Quando não estava caminhando pelas dunas em busca de rosas rugosas, ela passava horas na estufa da minha mãe, fazendo enxertos em orquídeas.

O Sr. Jardineiro deixou a vasilha em cima da mesa encerada da sala de jantar, a base protegida com feltro encostando suavemente no mogno. Depois, esfregou as mãos na parte da frente do macacão branco e se virou para sair. A família do Sr. Jardineiro conhecia minha mãe há duas gerações. Ele era um cavalheiro infinitamente gentil e bem-apegoado: alto, com o físico de um lavrador, a pele da cor da terra argilosa com que trabalhava.

Sofya segurou-o pelo cotovelo.

— O senhor é simplesmente um gênio com as rosas, Sr. Jardineiro.

Electra se aproximou mais da mesa e examinou o Sr. Jardineiro dos pés à cabeça. Em seguida, seu olhar se desviou para as rosas.

Cada flor era mais adorável do que a outra: uma rosa William Lobb em rosa-claro, com protuberâncias pontudas, parecendo musgo, em suas sépalas; outra rosa Madame Bosanquet, cor-de-carne, com um perfume delicioso.

Sofya inspirou o aroma do buquê.

— Nunca vi nada assim. A fragrância é impressionante. Acabaram de chegar da China?

— Não, madame. Essas são rosas antigas. E, hoje em dia, algumas das mais belas rosas antigas são silvestres.

— Ele as encontra nos lugares mais inusitados — comentei. — No cemitério, no depósito de madeira.

— Imagino que também sejam resistentes a pragas — disse Sofya. — O senhor é um mago, Sr. Jardineiro. Esta aqui, nesse branco leitoso com os filamentos dourados no centro...

— São as favoritas da Sra. Mitchell, e as minhas também — afirmou ele com um sorriso. — Katharina Zeimet... uma rosa resistente que está sempre florescendo. Só precisa de água e de um pouco de fertilizante.

— Será um prazer embalar algumas para você, não é mesmo, Sr. Jardineiro? — perguntei. — Para que leve para sua estufa.

Electra deu um passo mais para perto.

— É ilegal reproduzir uma planta que ainda está sob patente sem pagar royalties. Algumas pessoas chamariam isso de roubo.

O Sr. Jardineiro empertigou o corpo e baixou o olhar. Eu me virei para Electra.

— Pegar a muda de uma planta silvestre não é roubo e não é pior do que ouvir a conversa dos outros, Electra Whitney.

— Não se costumava ver esse tipo de coisa em Southampton — retrucou ela.

— Também não se costumava ver pessoas falando de forma desagradável.

Electra se afastou enquanto minha mãe chegava com um grupo de convidados que estavam no terraço, acenando para que entrassem na sala de jantar. O Sr. Jardineiro saiu com uma reverência.

Quando Electra Whitney aprenderia a cuidar da própria vida?

— Venham — chamou mamãe.

Os convidados se juntaram ao nosso redor enquanto as empregadas entravam com bandejas de prata cheias de taças de champanhe borbulhante, cor de âmbar, e serviam a todos.

Afon parou ao lado de Sofya. Em roupas civis, ele era apenas um belo rapaz, como tantos outros, mas em seu uniforme azul-marinheiro tornava-se inquestionavelmente russo, com os olhos castanhos de cílios volumosos e o cabelo de um preto-azulado.

— Sua mãe estava procurando por você, Sofya — avisou ele. — E, Eliza, o Dr. Abushkin acabou de empurrar seu médico em cima do carrinho de chá.

— Ah, não — disse Sofya, o cenho franzido.

Minha mãe subiu em um banquinho, ainda muito ereta, depois de passar anos treinando a postura com um cabo de vassoura nas costas, passado por entre os cotovelos dobrados. Ela prendeu as hastes dos óculos atrás das orelhas enquanto as amigas sufragistas se reuniam ao nosso redor, os vestidos de seda farfalhando.

— Obrigada a todos pela presença! — gritou minha mãe, os braços bem abertos.

— Silêncio, silêncio! — gritou alguém entre os convidados.

Bati com uma colher na minha taça e a sala se aquietou. Minha mãe pigarreou.

— Não é todo dia que recebemos...

As portas francesas que davam para a sala de estar foram abertas bruscamente e os médicos entraram, com a condessa logo atrás.

— Alguém poderia chamar as autoridades e denunciar este homem? — gritou o Dr. Forbes para minha mãe. — Ele está embriagado e talvez tenha quebrado meu pulso.

Minha mãe se virou.

— *Cavalheiros*. Doutores. Estamos comemorando aqui...

— Ah, não — gritou Sofya do sofá, segurando a barriga. — Eliza...

Corri até ela enquanto Afon se ajoelhava aos seus pés.

A condessa andava de um lado para o outro na sala, abanando-se com as mãos.

— *Dieu, sauve-nous!* Ela está em trabalho de parto.

Minha mãe correu até nós, já arregaçando as mangas.

— Pegue minha bolsa — gritou, e nossa empregada, Peg, se apressou para pegar a maleta preta de médica dela.

Sofya segurou minha mão.

— Não me deixe, Eliza.

Apertei a mão dela e rezei para que o bebê ficasse bem, ao mesmo tempo em que era tomada pela sensação de que nunca veria São Petersburgo.

**O** ANO É 1914, E O MUNDO JÁ ESTEVE PRESTES A ENTRAR EM GUERRA TANTAS VEZES QUE ALGUNS NOVA-IORQUINOS JÁ TRATAM O ASSUNTO COM UM LEVE DESDÉM. ELIZA FERRIDAY, POR EXEMPLO, ESTÁ MUITO MAIS INTERESSADA EM VIAJAR PARA SÃO PETERSBURGO E CONHECER OS ESPLENDORES DA RÚSSIA COM SOFYA STRESHNAYVA, SUA AMIGA HÁ ANOS — QUE POR ACASO É TAMBÉM PRIMA DO CZAR.

QUANDO A ÁUSTRIA DECLARA GUERRA À SÉRVIA E A DINASTIA IMPERIAL RUSSA COMEÇA A RUIR, ELIZA SE VÊ OBRIGADA A VOLTAR PARA OS ESTADOS UNIDOS, ENQUANTO SOFYA E A FAMÍLIA FOGEM PARA A CASA DE CAMPO. PARA AJUDAR NAS TAREFAS DOMÉSTICAS, ELES CONTRATAM VARINKA, A FILHA DE UMA VIDENTE LOCAL, SEM FAZER IDEIA DE QUE, COM ISSO, ESTÃO ATRAINDO UM GRANDE PERIGO. JÁ DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO, ELIZA LUTA PARA MANTER EM SEGURANÇA AS FAMÍLIAS RUSSAS QUE ESCAPARAM DA REVOLUÇÃO. É QUANDO AS CARTAS DE SOFYA PARAM DE CHEGAR, ELA TEME QUE ALGO TERRÍVEL POSSA TER ACONTECIDO À AMIGA.

PELAS RUAS TURBULENTAS DE SÃO PETERSBURGO, CASAS DE CAMPO DA ARISTOCRACIA RUSSA, AVENIDAS DE PARIS E MANSÕES DE NOVA YORK, AS TRAJETÓRIAS DE ELIZA, SOFYA E VARINKA SE CRUZARÃO DE MANEIRAS PROFUNDAS. EM MAIS UMA NARRATIVA EMOCIONANTE, INSPIRADA EM UMA HISTÓRIA REAL, MARTHA HALL KELLY CELEBRA OS LAÇOS INDESTRUTÍVEIS DA AMIZADE ENTRE MULHERES, ESPECIALMENTE DURANTE OS MOMENTOS MAIS COMPLEXOS DA HISTÓRIA MUNDIAL.

## **SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1130/>